

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

**RELAÇÕES ENTRE O COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A
PROBLEMÁTICA RACIAL BRASILEIRA**

DANIELA XAVIER CENCIANI

**RIO DE JANEIRO
2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

**RELAÇÕES ENTRE O COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A
PROBLEMÁTICA RACIAL BRASILEIRA**

DANIELA XAVIER CENCIANI

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagogo.

Orientadora: Prof^ª Dra. Maria Elena Viana Souza

**RIO DE JANEIRO
2009**

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a realização deste trabalho, mas, deixo registrada a minha gratidão à professora/ orientadora/ amiga Maria Elena Viana Souza, que permitiu que junto com ela estudasse esta temática de tanta relevância para a Educação e para a sociedade; ao meu noivo e minha família que sempre me ajudaram em tudo que precisei.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os autores estudados que contribuíram para maior compreensão da questão racial no Brasil, assim como, a todos que lutam pela igualdade racial.

Precisamos entender que a criança negra não é “moreninha”, “marronzinha”, nem “pretinha”. Quando a criança reclama que não quer ser negra, ela está nos dizendo que não quer o tratamento costumeiramente dado às pessoas pertencentes a este grupo racial. O que ela não quer é ser ironizada, receber apelidos, ser excluída das brincadeiras... Assim, melhor do que chamá-la de “moreninha” para disfarçar a sua negritude é cuidar para que ela receba atenção, carinho e estímulo para poder elaborar sua identidade racial de modo positivo. (CAVALLEIRO, 2001, p.156)

RESUMO

Este estudo trata da relação existente entre o cotidiano escolar da Educação Infantil e a problemática racial brasileira, por meio das relações professor/aluno, aluno/aluno, e da cultura escolar. Teve por objetivo investigar como ocorrem tais relações na Educação Infantil. Para tanto, recorreu-se à leitura de diversos autores como Bâ (1973), Barbosa (2006), Cavalleiro (2001), Hall (2003), Heller (2000), Loureiro (2004), Maestri (1988), Moura (1994), Oliveira (2006), Pais (2003); Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil – RCNEI (1998) e Silveira (2001), entre outros. Foi realizada também uma pesquisa de campo em que observou-se o cotidiano escolar de uma turma do Maternal II (3 a 4 anos) e foram feitas várias atividades com as crianças pois, trata-se, de uma pesquisa-ação em que busca-se uma transformação do ambiente de maneira a trazer melhorias para os que nele vivem. Após análise teórico-prática do cotidiano infantil, conclui-se que o preconceito racial ora aparece de forma velada através do silêncio e ora as diferenças raciais são ignoradas.

Palavras-chave: Educação Infantil; cotidiano escolar; preconceito racial.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
 CAPÍTULO I	
CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL	
. Contextualizando a creche	15
. Caracterização do cotidiano escolar de uma turma do Maternal II (3 a 4 Anos)	18
 CAPÍTULO II	
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA	
. A desvalorização do negro na sociedade e no ambiente escolar	21
. A construção da identidade da criança diante de uma aparente igualdade	22
 CAPÍTULO III	
ATIVIDADES REALIZADAS EM PROL DA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE POSITIVA PARA A CRIANÇA NEGRA	
. Atividade 1	25
. Atividade 2	26
. Atividade 3	27
. Atividade 4	28
. O posicionamento das monitoras frente à questão racial	30
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

A investigação do cotidiano escolar da Educação Infantil frente à questão racial é fundamental para sabermos como esta se dá e principalmente, por contribuir com estudos, propostas e atividades que auxiliem na educação das crianças e dos professores para a diversidade cultural e, sobretudo para a valorização das culturas negras e africanas que são o foco deste trabalho.

Durante este estudo, tive a oportunidade de conhecer três cotidianos escolares de três instituições diferentes, sendo duas creches e uma pré-escola. Após análises com base teórica, observação e investigação, percebo que, por mais que nestes ambientes estejam presentes práticas docentes diferentes umas das outras, todos possuem, em comum, a falta de valorização das diferenças culturais.

Se o diferente não é valorizado, têm-se a falsa impressão de que todos são iguais quando na verdade não o são. Dessa forma, a identidade da criança e sua auto-estima ficam prejudicadas, pois como afirma Oliveira (2006):

A creche estaria esvaziada do seu caráter público e político e tornando-se cada vez mais privada, fraterna e doméstica. No entanto, a fraternidade suprime a distância entre os homens e transforma a diversidade em singularidade, anulando a pluralidade, pois a fraternidade supõe a condição de irmãos entre os homens, ou seja, cria uma situação identificatória, de igualdade, tendo como modelo de organização a família e o parentesco. Adquire, assim, um caráter altamente discriminatório, porque, quando não há essa “identificação” na relação entre os “iguais”, ou seja, quando o “outro” não é uma cópia de mim, então há uma redução do outro ao mesmo, constituindo-se em práticas de exclusão e supressão de toda forma de diferença/alteridade. (p. 36)

As diferenças precisam ser valorizadas de forma que não haja uma criança tida como melhor que outra por suas características físicas e/ou intelectuais. Por isso, a importância da valorização da diversidade cultural no cotidiano escolar da Educação Infantil. Nesse sentido, ao iniciar a minha pesquisa, em 2008, escolhi como local para a pesquisa de campo, uma escola municipal que atende a Educação Infantil. A coleta de dados para análise seria feita através de atividades com crianças de uma turma, com faixa etária entre 4 e 5 anos. No entanto, consegui realizar apenas uma atividade que consistiu na contação de uma história, na qual os reis e a princesa eram negros. Aproveitei para dizer à turma que na África também há príncipes e princesas, além de explicar às crianças em que consiste a diferença da cor da pele.

Esta atividade foi importante para desmistificar a imagem do negro e sua cultura, porém, melhor resultado teria se pudesse dar continuidade a este trabalho, pois, a turma estava

acostumada a ouvir histórias com estereótipos negativos acerca do negro, como se ele fosse apenas escravo enquanto o branco era o seu dono, além de inverdades como: “a pessoa que tem a pele mais escura, pegou muito sol” (esta é uma das falas da professora da turma). E ao dizer que a questão da diferença da pele está num pigmento chamado melanina, algumas crianças ficaram confusas, pois, a professora da turma nunca apresentou este tipo de conhecimento, pois, nem ela sabia, mas nem por isso, deixou de reforçar mitos que, hoje, são infundados pela Ciência. Ademais, busquei colocar em prática outras atividades, mas, não consegui, pois, a professora sempre se adiantava para contar histórias com personagens negros, mas nenhuma retratava a cultura negra. Enfim, fui impedida de trabalhar com a questão racial nesta turma, pois, a professora sentia-se incomodada até que um dia disse: “Você acha que isso vai dar em alguma coisa? As crianças já disseram tudo que tinham pra dizer”.

Estava decidida continuar minha pesquisa em outra turma, devido a postura e o incômodo da professora frente à questão racial, portanto, procurei a coordenadora para permitir que pudesse tomar tal atitude (sem dizer o verdadeiro motivo desta decisão, apenas que objetivava conhecer o cotidiano de uma outra turma). A princípio ela gostou e me ajudou a montar um calendário dos dias em que estaria na escola e em quais turmas, inclusive faria atividades com a turma dela, pois no turno da manhã ela atua como professora. Ficou acertado que na semana seguinte realizaria atividades junto a turma dessa professora e de mais uma.

Ao chegar no dia combinado, surge o primeiro impedimento, através da fala da coordenadora: “Você me desculpa... tinha me esquecido que esta semana estaríamos com todas as turmas ensaiando para a festinha dos pais”. Marcamos um outro dia da semana seguinte, mas, infelizmente, outra vez não pude estar com a turma, pois, as crianças tinham outras atividades a fazer. A coordenadora pediu desculpas novamente e disse: “Tadinha... você não vai poder fazer a atividade outra vez. Pode deixar... vou verificar os dias em que você poderá estar retornando e te ligo”. Aguardei duas semanas e não recebi nenhuma ligação, por isso, fui conversar novamente com a coordenadora que dessa vez disse: “Não há condições de você ficar toda semana acompanhando uma turma ou mais, mesmo sendo um dia por semana, pois, as crianças têm muitas atividades para fazer e as professoras já não têm tanto tempo”. A atividade teria a duração de até trinta minutos, mas, mesmo assim, não houve nenhum acordo, pois, a coordenadora também achava que eu faria uma atividade por turma, quando na verdade a proposta (antes aceita por ela e pela direção) seria a de um trabalho contínuo e não atividades isoladas.

Diante de tantos impasses e devido o fim do ano letivo estar próximo, seria difícil conseguir uma outra autorização da SME (Secretaria Municipal de Educação) e da CRE (Coordenadoria Regional de Educação) para atuar em outra escola e, além disso, as direções das escolas diziam que deveria iniciar este projeto no início de 2009. Por isso, procurei também algumas creches e uma delas – uma ONG localizada em um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro - autorizou a minha pesquisa, com o aval da coordenadora pedagógica: “Vai ser muito bom esse seu trabalho para aumentar a auto-estima das crianças”.

Logo, este estudo passou a ter como um dos objetivos específicos caracterizar o cotidiano escolar de uma turma do Maternal II (crianças de 3 a 4 anos) desta ONG que é financiada por instituições privadas e pelo Município do Rio de Janeiro.

Com o decorrer do tempo, nota-se mais uma vez, em diferentes situações, a postura de uma das professoras (da turma mencionada acima) frente à problemática racial que se manifesta de forma semelhante a da professora já citada, por meio do silêncio, o que também dificulta o caminhar das atividades.

Iniciava as atividades no ambiente escolar contando uma história da literatura infantil ou infanto-juvenil (adaptada) com personagens negros e, preferencialmente, que trabalhasse a cultura africana e do negro brasileiro. Porém, em maio deste ano, a coordenadora (a mesma que havia aprovado o meu projeto em setembro do ano passado) diz por telefone, que devo utilizar menos cor nas histórias e para reafirmar solicita que a coordenadora social também confirme. Na semana seguinte, ela reafirma o que fora dito: “Você deve contar histórias com personagens que não sejam apenas negros para mostrar às crianças que existem outros tipos de pessoas. Para falar do negro, não precisa ser livro de personagens negros”. Quanto a isso, concordo com ela que é possível sim, no entanto, como afirmar uma identidade positiva do negro e aumentar a auto-estima da criança negra, a partir de referenciais da branquidão?

Além disso, não creio que indo uma vez por semana a campo para trabalhar a questão racial (por 30 minutos de atividade, fora a observação e análise do cotidiano escolar infantil) seria possível que as crianças tivessem apenas o negro e sua cultura como únicas, uma vez que na sociedade e na mídia os referenciais são bem definidos (branco, loiro, olho azul). Ademais, não foi proposta deste trabalho valorizar o negro em detrimento do branco. Por outro lado, a própria creche utiliza-se deste referencial além de deixar explícita a idéia de igualdade, quando na verdade, são as diferenças que a compõem.

Mesmo com tantos impedimentos, esta pesquisa de campo continuou sendo executada da melhor maneira possível e dentro das limitações da creche, tendo em vista que a problemática racial está presente no cotidiano escolar da Educação Infantil, uma vez em que a

creche e a pré-escola estão inseridas na sociedade que, muitas vezes, discrimina o negro. A análise contínua deste segmento escolar tornou-se fundamental para o entendimento da relação existente entre o preconceito racial e a cultura escolar da Educação Infantil. Portanto, através da investigação das práticas docentes, das relações professor/aluno e aluno/aluno foi possível verificar o que a escola transmite às crianças acerca do negro¹ e sua cultura, assim como, o que as crianças trazem consigo em relação ao preconceito racial.

É muito comum negar que o preconceito racial existe na Educação Infantil, pois, acredita-se que a criança vive em harmonia com as diferenças, no entanto, já é sabido que ela assimila as representações sociais mais gerais. Logo, se vivemos em uma sociedade preconceituosa, obviamente, o preconceito racial passa pelo cotidiano escolar da Educação Infantil e, o que se espera com este trabalho é compreender como essas assimilações se fazem presentes dentro do ambiente escolar infantil através, também, da postura do corpo docente frente a esta questão.

Como afirma Heller (2000) “*O pensamento cotidiano implica também em comportamento*” (p.43). Se está no pensamento (no imaginário) das pessoas que o negro é inferior, conseqüentemente, ele será tratado como tal. Por isso, esse trabalho também propõe-se a desconstruir a imagem negativa acerca do mesmo e de sua cultura presentes na sociedade e que reflete na escola.

Os objetivos desse estudo foram:

- Caracterizar o cotidiano escolar da Educação Infantil;
- Caracterizar as práticas educativas escolares de uma turma de Educação Infantil, de 3 anos;
- Relacionar tais práticas educativas escolares com o possível preconceito racial existente no cotidiano escolar;
- Relacionar a forma como se expressa a cultura do cotidiano escolar da Educação Infantil com a problemática racial;
- Investigar como os educadores da Educação Infantil percebem as questões raciais no seu cotidiano de trabalho e, ao percebê-las, quais atitudes são tomadas;
- Investigar quais as dificuldades encontradas pelos educadores para trabalhar as questões raciais com as crianças;

¹ Utilizo a expressão negro para identificar pessoas pretas e pardas, conforme classificação do IBGE.

- Investigar se a formação recebida pelos educadores da Educação Infantil contribuiu para o seu entendimento de como lidar com as questões raciais no seu cotidiano de trabalho.
- Propor atividades escolares visando trabalhar o preconceito racial através do conhecimento das diversas etnias, da cultura dos negros e afros descendentes.

Com estes objetivos, buscou-se analisar algumas atividades escolares em relação aos negros que despertassem o interesse de todos os alunos (brancos e negros) para a diversidade da raça humana e promover o respeito pelas diversas etnias. Ademais, propiciar a reflexão das práticas escolares sobre o preconceito racial no cotidiano da Educação Infantil, além de verificar as dificuldades encontradas pelos educadores.

Para conhecer e definir a vida cotidiana dos alunos e professores e a realidade social em que ambos estão inseridos, recorreu-se a análises do cotidiano. Para melhor explicitar isso, recorro ao pensamento de Pais (2003):

A vida cotidiana não se constitui num objeto unificado por qualquer sistema conceptual e teórico coerente e próprio, embora seja um termo que se tem imposto, orientando reivindicações, atitudes, discursos. Por outro lado, o cotidiano é um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam. (p.72)

De acordo com a citação acima, considero fundamental o estudo do cotidiano da Educação Infantil, pois, nele estão presentes as assimilações que as crianças fazem do que a sociedade é e esta vive em constante transformação.

Também foi observada a prática cotidiana da Educação Infantil da creche já mencionada, através, principalmente, de dados coletados através de questionários aplicados aos professores e de práticas educativas escolares relacionadas com a cultura e valorização do negro. Nesse sentido, foram realizadas, com as crianças, diversas atividades escolares como: dramatização, desenhos, contação de histórias entre outras, para verificar a relação entre alunos negros e brancos, além de, conhecer o que pensam e/ou sabem a respeito da cultura negra. Também foram analisados diversos aspectos como:

- Os conteúdos de formação e informação que poderiam estar privilegiando certos aspectos étnicos em detrimento de outros;

- As experiências do trabalho educativo que estão voltadas para a valorização de alunos negros;
- A forma como os professores percebem as questões raciais no seu cotidiano de trabalho e o que fazem para evitar o preconceito racial na Educação Infantil.

Para analisar esses aspectos fizemos leituras de alguns estudos realizados por Bâ (1973), Barbosa (2006), Cavalleiro (2001), Hall (2003), Heller (2000), Loureiro (2004), Maestri (1988), Moura (1994), Oliveira (2006), Pais (2003); Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil – RCNEI (1998) e Silveira (2001). Tecemos relações teórico-práticas, a partir das atividades realizadas em campo e entrevistamos duas monitoras.

Esta pesquisa constitui-se em uma pesquisa-ação, por nela conter *a ciência da práxis exercida pelos técnicos no âmago de seu local de investimento. O objeto da pesquisa é a elaboração da dialética da ação num processo pessoal e único de reconstrução racional pelo ator social.* (BARBIER, 2004, p.59) Isto porque, no cotidiano escolar é e foi possível perceber como se dão as representações sociais e como as crianças as absorvem, sendo possível também verificar a forma na qual as questões raciais interagem com o ambiente infantil. Foram trabalhadas algumas questões que foram surgindo no decorrer da análise do cotidiano escolar infantil, de forma, a melhorá-lo, uma vez que em uma das situações constatadas trata-se do fato de não haver nenhum trabalho voltado para a valorização de alunos negros e de suas culturas.

Para André (1995), a pesquisa-ação:

[...] visa sempre implementar alguma ação que resulte em uma melhoria para o grupo de participantes, geralmente pertencentes às classes economicamente desfavorecidas. Há, assim, um sentido político muito claro nessa concepção de pesquisa: partir de um problema definido pelo grupo, usar instrumentos e técnicas de pesquisa para conhecer esse problema e delinear um plano de ação que traga algum benefício para o grupo. Além disso, há uma preocupação em proporcionar a essas classes sociais um aprendizado de pesquisa da própria realidade para conhecê-la melhor e poder vir a atuar mais eficazmente sobre ela, transformando-a. (p.33)

Por meio dessa metodologia, foi possível proporcionar às crianças e às monitoras reflexões e debates acerca do que foi estudado dentro do próprio cotidiano escolar, pois, à medida em que se trabalha com a diversidade racial, tendo como intuito enaltecê-la e não afirmar uma raça sobre a outra, as crianças e as monitoras foram melhor conhecendo a si mesmas e aos outros. Também pude conhecer melhor a problemática racial, mas, encontrei

alguns obstáculos para melhor executar o plano de ação devido ao desconforto de uma das monitoras em relação a essa questão.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

. Contextualizando a creche

Para compreender melhor o cotidiano da Educação Infantil é fundamental conhecermos o que é ser criança e suas formas de falar e interagir. Em cada momento da história, a criança é vista de forma diferente. Até o século XVII, ela convivia com os adultos de forma igualitária, ou seja, não tinha seu espaço. A partir do século XVIII (na Europa e no Brasil somente no século XIX) surge o conceito de infância, pelo qual, a criança é compreendida como um adulto pequeno, que será o futuro econômico da sociedade. Porém, a palavra infância vem do latim e significa “incapacidade de falar, mudez”. (ALVES, on-line, 10/01/2008).

Faz-se necessário, mesmo que de forma breve, caracterizar o contexto histórico da creche no Brasil, para melhor compreensão do seu funcionamento nos dias de hoje, assim como para melhor entender o cotidiano de uma creche do Rio de Janeiro que é um dos objetos deste estudo e que será retratada constantemente.

A partir da expansão da industrialização, dos setores de serviço e com a crescente urbanização, surgem as creches que tinham caráter similar a de um asilo, por ter um tratamento de cunho assistencial. Em 1943, Vargas cria uma legislação específica (CLT – Consolidação das Leis do Trabalho) que determina a organização de berçários nas empresas para atender os filhos das operárias na fase da amamentação, mas, na prática isto não se concretizou. O crescimento de creches deu-se principalmente com o ingresso da mulher no mercado de trabalho. No entanto, no período de 1930-60 a creche por meio de lutas de movimentos sociais passa a ter a função de promover o bem-estar social (OLIVEIRA et al., 2005)

Nas décadas de 60-70 surge a idéia de que o atendimento dado na creche supriria as precariedades sociais a que as crianças carentes estavam sujeitas, através de uma “educação compensatória”. Por conta disso, tanto nas creches quanto nas pré-escolas públicas desenvolveu-se um trabalho com aspectos de educação formal. Ainda na década de 70 tem-se o direito à creche obrigatória por lei. (OLIVEIRA et al., 2005)

Ainda hoje há grande discussão acerca do papel da Creche. De um lado, os que acreditam que sua função restringe-se ao ato de cuidar e, de outro, os que pensam nela como

instituição que deve educar seja por meio da transmissão das representações sociais ou, seja para a escola. A meu ver a criança precisa ser cuidada, atendida (o que não quer dizer que ela precisa constantemente do adulto e não consegue pensar e agir sozinha) e principalmente compreendida e respeitada. Para tanto, é preciso ouvi-la.

Na creche deve haver integração da criança, não apenas com a sociedade, mas também com a família. A criança precisa brincar muito nesta fase, mas, isso não significa que ela não irá aprender, pois, também se aprende brincando. Ademais, a todo momento as crianças estão assimilando as representações da sociedade e compreendendo diversos aspectos que também irão contribuir não apenas para seu convívio no meio social, mas também, dentro da escola, tais como: respeitar o colega e professor; saber dizer obrigado; pedir desculpas dentre outros.

Tanto a Creche quanto a pré-escola devem ser um local que, antes de tudo, precisa semear o respeito à criança para depois pensar em educá-la, pois, como fazê-lo se não houver respeito pela mesma?

Vejo que o espaço externo da Creche, onde foi feita a pesquisa de campo, é valorizado e pensado em possibilitar o desenvolvimento da criança, devido o acesso ser de rampa, possuir muitos jardins, parquinho ao ar livre, quadra coberta para brincadeiras, enquanto, para chegar às salas (de atividades e de enfermagem) e ao refeitório somente por escada. No entanto, melhor seria se o interior dela também fosse assim planejado, pois, para as crianças terem acesso a ele precisam passar pelas escadas. Mesmo as monitoras ensinando os menores de 3 anos a subir engatinhando, ainda representa perigo para a elas, pois, uma criança pode escorregar e cair. Além disso, as salas, nas quais, as crianças passam a maior parte do tempo, são muito pequenas para a quantidade de crianças que em algumas turmas chega até vinte e cinco.

De acordo com Horn (2004):

[...] a construção do espaço é eminentemente social e se entrelaça com o tempo de forma indissolúvel, congregando simultaneamente diferentes influências mediatas e imediatas advindas da cultura e do meio em que estão inseridos seus atores. Neste processo, é relevante ressaltar, que o ser humano diferencia-se das outras espécies animais, por ser capaz de criar, de usar instrumentos e de simbolizar. Utilizando-se basicamente do raciocínio e da linguagem consegue transformar suas relações com os outros e com o mundo. (p.3)

Um espaço bem planejado possibilita melhor desenvolvimento corporal, emocional e cognitivo das crianças. Além disso, as crianças precisam estar em um local muito agradável principalmente, porque elas passam grande tempo dentro dele. Segundo Cardoso (1988),

As salas de atendimento às crianças devem ser amplas, arejadas e bem iluminadas. Em cada sala deve haver um banheiro e uma copa, servindo de

apoio ao serviço da cozinha. A cozinha deve estar localizada perto do refeitório e longe da passagem das crianças. Os locais perigosos devem estar localizados fora do acesso de crianças. No prédio deve ter um pátio coberto e outro descoberto para atividades ao ar livre. No corpo da Creche faz-se necessário ter local definido para: recepção, administração, entrevistas, serviço médico, almoxarifado, amamentação, audiovisual, material psicopedagógico e salas de atividades para a criança. (p.13)

Conhecer o cotidiano escolar da Educação Infantil é fundamental para perceber como ocorre a assimilação das representações sociais, por parte das crianças, pois, como afirma Cavalleiro (2000):

Numa sociedade dialética homem/ sociedade, o novo membro da sociedade interioriza um mundo já posto, que lhe é apresentado com uma configuração já definida, construída anteriormente à sua existência. Assim, interagindo com outros, a criança aprenderá atitudes, opiniões, valores a respeito da sociedade ampla e, mais especificamente, do espaço de inserção de seu grupo social. (p.16)

Através da análise do cotidiano escolar da criança é que será possível perceber e compreender que tipo de conhecimento é vivenciado por ela; como esse é transmitido e principalmente como esse é assimilado.

É preciso entender criança como

um ser humano único, completo e, ao mesmo tempo, em crescimento e em desenvolvimento. É um ser humano completo porque tem características necessárias para ser considerado como tal: constituição física, formas de agir, pensar e sentir. É um ser em crescimento porque seu corpo está continuamente aumentando em peso e altura. É um ser em desenvolvimento porque essas características estão em permanente transformação. (PARÂMETROS NACIONAIS DE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL, 2006, p.14)

A criança precisa ser respeitada e ter suas formas de pensar e agir valorizadas, além disso, ouvi-la é fundamental para entendermos o que ela pensa e sente. Por outro lado, não devemos impor a ela todas as convenções sociais e sim fazer com que pense sobre e, é claro que regras e limites são necessários a todo ser humano. Apenas apontar o que é certo e o que é errado, como se não fosse preciso levar a criança pensar, implica em dúvidas e, muitas vezes, incompreensão do que ela está fazendo.

. O adulto precisa entender que a criança é capaz de estabelecer conhecimentos e relações com o ambiente que a cerca, devido ela assimilar as representações sociais presentes neste ambiente e também da relação dela com o adulto e outras crianças. Isso tudo promove uma nova forma de pensar e agir da criança. Por isso, a importância de se pensar como lhes

são transmitidas as diferenças culturais para que as crianças possam compreender e aceitar a diversidade.

Penso que é preciso repensar as práticas educativas do educador infantil de maneira, a propiciar à criança maior autonomia, seja em seu modo de agir ou no jeito de se comunicar, dessa forma, a criança sentirá segurança em dizer o que pensa. Para tanto, o educador precisa ter uma postura coerente com essa proposta.

. Caracterização do cotidiano escolar de uma turma do Maternal II (3 a 4 anos)

A turma observada é composta por crianças em sua maior parte negra, moradoras das comunidades circunvizinhas ao bairro onde está localizada a ONG. Ela atende crianças de 4 meses de idade a 3 anos e 11 meses. Ao alcançarem esta idade, são encaminhados para a rede pública de ensino (Pré-escola). A turma é composta por 25 crianças e duas monitoras². Durante o dia, a criança realiza diversas atividades, tais como: Educação Física (na quadra); momentos de leitura disponibilizados pelo projeto Prazer e Ler que oferece uma sala de leitura às crianças. Elas realizam, também, atividades voltadas para a sala de aula fora da Creche, por no mínimo uma vez por semana. Faz parte de seu cotidiano, um parquinho e um pátio amplo. Além disso, há uma linha de projetos que cria um novo projeto a cada três meses. Existem, também, projetos anuais, como exemplo, o do meio ambiente. Todas essas iniciativas visam a socialização das crianças com elas mesmas e, também, a socialização delas com idosos, pois, trata-se de uma ONG que atende crianças, jovens e idosos).

Na turma observada, as crianças estão habituadas a brincar na sala, sendo que nesta, não estão presentes os chamados cantinhos. Para Barbosa (2006), os cantinhos representam “às áreas diferenciadas dentro da sala de aula nas quais se desenvolvem predominantemente atividades livres” (p.172) que propiciam diversas formas de brincar. Não há o cantinho dos livros, das bonecas e todos os brinquedos (a maioria está quebrada e não há bonecas negras) ficam guardados dentro de uma caixa de papelão embaixo ou em cima da estante. Nesta, também estão todos os materiais utilizados nas atividades, tais como giz de cera, papéis, cola, dentre outros.

Além disso, há pouca interação das monitoras com as crianças, pois, estas ficam brincando enquanto as primeiras apenas “tomam conta” delas. São realizadas poucas atividades com as crianças, pois, geralmente, elas ficam livres para brincar na quadra ou na

² Na creche em questão, não se utiliza o termo professor e sim monitor. Portanto, as monitoras são as responsáveis pela turma.

sala com brinquedos. As monitoras não contam nenhuma história a elas (somente o professor da sala de leitura uma vez por semana) não possibilitando a criatividade, o estímulo ao pensamento da criança e o desenvolvimento da linguagem oral das mesmas. Não estou dizendo que elas não devam brincar, muito pelo contrário, acredito que elas aprendem e desenvolvem-se muito brincando, mas, é fundamental que estas brincadeiras também propiciem além do prazer de brincar, desafios para as mesmas, além de ser proposto a elas construir seus próprios brinquedos. De acordo com o RCNEI (1998):

Os momentos de jogo e de brincadeira devem se constituir em atividades permanentes nas quais as crianças poderão estar em contato com temas relacionados ao mundo social e natural. O professor poderá ensinar às crianças jogos e brincadeiras de outras épocas, propondo pesquisas junto aos familiares e outras pessoas da comunidade e/ ou em livros e revistas. Para a criança é interessante conhecer regras das brincadeiras de outros tempos, observar o que mudou em relação às regras atuais, saber do que eram feitos os brinquedos etc. (p.200)

A falta de interação das monitoras para com as crianças durante as brincadeiras prejudica maior assimilação destas em relação ao mundo que as rodeiam. Elas precisam de liberdade para brincar e criar suas brincadeiras, no entanto, necessitam também de jogos e brincadeiras que tenham regras e instigam seus pensamentos para novas possibilidades de brincar e jogar, pois, na sociedade em que elas vivem as regras e desafios estão sempre presentes tornando-se fundamental o convívio com os mesmos.

Nesta turma não notei expressões de preconceito racial, o que não quer dizer que todas as crianças são valorizadas por suas características individuais e culturais. Muito pelo contrário, são tratadas como se “fossem iguais”, de forma que o diferente é negado como se não existisse diversidade racial, quando na verdade, todos possuem características diferentes que precisam ser trabalhadas e valorizadas.

Durante esse período de pesquisa na creche, tenho refletido sobre dois fatos: por que as monitoras não acreditam na existência do preconceito racial na Educação Infantil e, no máximo, admitem que os pais possam transmitir preconceitos às crianças, mas, esquecem-se que elas não recebem apenas influência da família? Por que não se empenham em participar e dar continuidade ao meu trabalho de valorizar as culturas negras e africanas, de forma a contribuir para a construção da identidade das crianças, principalmente das crianças negras? Estas atitudes e pensamentos por parte das monitoras contribuem para uma baixa auto-estima da turma (em sua maior parte negra). Surgem assim, outras duas questões fundamentais: será que a falta de interesse, empenho e/ou iniciativa por parte das monitoras está relacionada ao fato delas não valorizar a forma de pensar e agir das crianças majoritariamente negras,

moradoras de comunidades pobres? Ou acreditam que as crianças estão imunes a sentimentos e pensamentos de preconceito e discriminação? O tempo em que acompanhei esta turma foi suficiente para conhecer e compreender seu cotidiano escolar, porém, insuficiente para responder a estas questões.

No início deste ano, a turma mencionada já não faz parte da creche, pois foi direcionada à pré-escola. Porém, as características da turma que se seguiu são muito semelhantes. O espaço é o mesmo, tratando-se da mesma sala, com os mesmos brinquedos, a mesma arrumação e as mesmas monitoras. Além disso, não houve mudança no tratamento dado às crianças, ou seja, elas também não são estimuladas a pensar sobre e expor seus sentimentos.

O que também me chamou muita atenção foi o fato de, aparentemente, o desenvolvimento oral das crianças ser pouco trabalhado, pois, elas pouco se expressavam a partir das histórias contadas. Ao final da contação da história, ao pedi-las que contassem o que entenderam, elas ficavam, na maior parte das vezes, apenas olhando para mim e nada respondiam, mesmo quando mostro a elas um livro somente com imagens e peço que contem a história ou dizer o que vêem, elas dificilmente se manifestavam. No entanto, a turma adora ouvir as histórias, pois, sempre pedem para contar de novo ou uma nova e por último, adoram folhear as páginas dos livros das histórias narradas. O que vejo é que elas não estão habituadas a expressarem o que pensam e sentem porque, geralmente, recebem informações e não são estimuladas a dizer suas idéias – relatar seus pensamentos.

A criança sente a necessidade de expressar seus pensamentos e precisa aprender a fazê-lo, pois, assim, além de desenvolver sua fala, ela também aprende a se comunicar de maneira mais eficiente e é na comunicação com o outro que também se aprende.

CAPÍTULO II

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

. A desvalorização do negro na sociedade e no ambiente escolar

Apesar de imperar a idéia de igualdade entre todas as crianças na creche - na verdade, são todas diferentes - o tratamento dado às crianças negras é diferente ao tratamento dado às crianças brancas. Em nenhum momento as monitoras dizem que são lindas, dentre outros tratamentos costumeiramente destinados às crianças não negras. Diante disso, não é fácil ser criança negra e ser excluída e, por outro lado, conhecer, unicamente, a cultura branca. Como fica a cabeça de uma criança, principalmente a negra, que passa cotidianamente por essa situação? Não tem nenhuma referência negra dentro da creche e quando um projeto visa mudar essa situação são colocados vários impedimentos, a não ser que este esteja de acordo com as exigências da instituição.

Já são refutadas pela ciência, que todas as idéias negativas acerca do negro foram construídas historicamente. Logo, tanto a sociedade quanto a escola devem não mais inferiorizá-lo e sim reconhecê-lo e valorizar a sua cultura. Para Loureiro (2004):

[...] A história sobrevive nos protótipos ideais e nos perversos que orientam as imagens parentais (por exemplo: o “bom” e o “mal”, o “mocinho” e o “vilão”, o “elegante” e o “cafona”) e que colorem as estórias e as lendas, e se fazem presentes nos hábitos familiares e na forma aceita de se fazer as coisas em geral. (p.49)

Isso é transmitido às crianças desde muito pequenas e o mesmo ocorre com as questões raciais, nas quais, o negro foi sendo visto ao longo da história como escravo, e hoje é visto de forma inferior aos não negros da sociedade, por isso, a necessidade de eliminar os estereótipos negativos acerca do negro e sua cultura. De acordo com Loureiro (2004):

As pessoas pertencentes às minorias, impedidas, pelas artimanhas do processo de exclusão social, de participarem da vida comunitária, de forma que sejam inseridas na sociedade aprendendo o domínio da técnica, aprimorando-a, são inseridas no sistema social mas, de forma cruel, em uma posição em que são exploradas por ele. (p.50)

Vemos essa situação nos dias de hoje, nos quais, são negados muitos direitos de cidadania à população negra, como a educação que ora não é disponibilizada e ora é dada de forma precária. Ademais, o tratamento dado às crianças da creche em questão reforça o que fora dito, pois, não se pensa em promover a auto-estima da criança, principalmente da criança

negra para construir uma identidade positiva e integrá-la na sociedade, muito pelo contrário apenas reforça que as minorias (em termos econômicos, pois se pensarmos trata-se da maioria da população brasileira) já possuem seus lugares na sociedade.

Por isso, a valorização da cultura negra se faz essencial para eliminar os estereótipos e preconceitos acerca do negro, já que a construção da identidade acontece com o outro sempre presente. Ou seja, uma pessoa não consegue construir sua identidade totalmente livre de influência do meio.

A identidade da criança é construída tanto em seu ambiente familiar como em sua comunidade e na escola, por isso, esta última deve aceitar e compreender que há uma identidade negra, assim como há identidade de mulheres, de índios, de homossexuais, entre muitas outras. A identidade negra, assim como qualquer outra, está sempre em processo de transformação e mudança, e se assumir como negro é uma questão política da mesma forma que a questão racial também é de responsabilidade política.

De acordo com Nilma Lino Gomes (2005), a identidade negra é entendida, como construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

No entanto, é desde a Educação Infantil que a criança começa a desenvolver sua identidade além de conhecer mundos diferentes e, é por isso, que o professor precisa ter cuidado ao tratar uma criança, zelo ao se dirigir a ela e mais do que nunca, compreender que a criança não é um ser vazio que precisa do adulto para tudo, pois ela tem pensamentos e sentimentos, dos quais, o adulto nem sempre tem controle.

Portanto, faz-se necessário, que todo o corpo docente leve em consideração que o outro exerce papel fundamental na construção da identidade do eu, logo, se a criança negra não tem um referencial positivo de sua imagem, ela tende a não querer se aceitar como tal desde a tenra idade.

. A construção da identidade da criança diante de uma aparente igualdade

Geralmente, a questão racial é pouco discutida no cotidiano escolar da Educação Infantil, principalmente nas creches, como se o preconceito racial não passasse, ou melhor, não deixasse marcas na cultura das mesmas. Na creche em questão, não foi diferente, pois ao mesmo tempo em que não se presencia cenas de preconceito racial e/ou discriminação racial,

também fica claro que as diferenças e semelhanças culturais são ignoradas, o que prejudica a construção da identidade das crianças.

Para combater a negação do outro é preciso que a criança aprenda a conviver com as diferenças, de forma que o outro não precise excluir a sua identidade para viver a do grupo dominante, além de que, o novo sempre existirá e através dele há o desenvolvimento. É preciso eliminar as idéias estereotipadas para que o outro seja aceito evitando o preconceito e tirar da mente da criança que a pele negra é sinônimo de “coisas ruins”.

A construção da identidade da criança na Educação Infantil é de extrema importância, sobretudo, da criança negra que muitas vezes é vista como inferior. No entanto, esta questão vai muito além, pois é preciso também preservar da identidade da mesma, de forma a promover sua auto-estima.

Como na turma observada impera as aparências de que todos são iguais, deixa-se de lado, o conhecimento das diferenças, o que pode causar nas crianças dificuldades para compreender o porquê dela não ser igual ao outro. Diante dessa situação, como enxergar as questões raciais, se as mesmas são ignoradas?

Mesmo a maioria da turma sendo negra, ainda há diversidade cultural e racial e continuaria a existir essas diferenças se todos fossem da mesma cor. Ademais, as crianças não pertencem a uma mesma família, logo, não tem os mesmos hábitos, costumes e valores. Portanto, é essencial que elas conheçam, opinem e pensem sobre as diferentes culturas para aprender a respeitar e entender o outro.

O profissional da Educação Infantil deve estar atento a estas questões, pois, como afirma Cavalleiro (2001) é necessário dentre outras atitudes:

[...] compreender os alunos como indivíduos pertencentes a culturas coletivas. Sendo assim, um aluno não é igual ao outro, nem mesmo entre os aparentemente iguais, ou seja, mulheres, índios, negros... A diferença e, sobretudo a compreensão e o respeito à diferença, é a primeira postura que se deve ter como educador. (p.162)

As crianças não são iguais, porém, todas merecem respeito por igual. Portanto, para cultivar o respeito às diferentes etnias e a valorização, principalmente, das etnias negras, faz-se necessário o conhecimento das mesmas. E, por meio de histórias, contos e lendas, as crianças conhecem as outras culturas além da dela e aprendem a aceitar o outro e compreender seu modo de pensar e agir.

Alguns grupos e/ ou pessoas contestam a situação da população negra na sociedade e, por outro lado, uma pequena parte da população tenta mostrar que não há diferença de tratamento de uma pessoa negra para outra, como se todos fossem tratados igualmente,

quando na verdade não o são. Em consequência disso, existe a idéia de que as diferenças são valorizadas. Ora, se de fato as pessoas negras não fossem vistas como inferiores, por que ainda vemos desigualdades raciais? A intenção é de silenciar estas diferenças permitindo que a população negra continue sendo prejudicada. Para Hall (2003):

Devemos indagar sobre esse silêncio contínuo no terreno movediço do pós-modernismo e questionar se as formas de autorização do olhar a que esta proliferação da diferença convida e permite, ao mesmo tempo em que rejeita, não seriam, realmente [...] um tipo de diferença que não faz diferença alguma. (p.338)

É necessário que os profissionais de educação estejam atentos a isto, pois a escola não está fora da sociedade, logo, reproduz e reforça os ideais enraizados nela que discriminam e inferiorizam o negro e sua cultura. Mas, ao serem questionadas sobre o preconceito racial na Educação Infantil e se já haviam presenciado alguma cena de preconceito, as monitoras (ambas negras) responderam:

Monitora 1: “Não acredito que exista preconceito racial na Educação Infantil e nunca presenciei uma cena de preconceito”. Para exemplificar que de fato o preconceito racial não está presente no cotidiano infantil, ela disse: “Tem uma menina aqui na turma, ela não veio hoje, mas tem um cabelo bem liso e disse que o meu cabelo é muito bonito e parece com o dela, sendo que meu cabelo é encaracolado e um pouco crespo”. O que ela quis dizer, com isso, é que as crianças não enxergam as diferenças raciais.

Essa monitora trabalha há doze anos na Educação Infantil, começou como auxiliar e depois tornou-se monitora.

Monitora 2: “Não há preconceito racial na Educação Infantil e se houver vem dos pais que o incutem nas crianças. Nunca presenciei uma cena de preconceito racial, mas, já ouvi falar de uma pessoa negra mal vestida que a vendedora não quis atender”. Em seguida, deu exemplo de um menino na turma que ela trabalha no momento: “O menino é branco e não consegue ficar perto de uma determinada menina, que também é branca. Se ela chega perto, ele limpa o braço, não sei se é nojo, pois ele é muito limpinho e a menina é muito simples”. Para ela, ocorrem outras formas de discriminação por parte das crianças que não estão relacionadas à cor da pele.

Essa monitora tem dezenove anos de Educação Infantil, já trabalhou como coordenadora durante três anos, atuando também como professora e hoje é monitora.

CAPÍTULO III

ATIVIDADES REALIZADAS EM PROL DA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE POSITIVA PARA A CRIANÇA NEGRA

. Atividade 1

Por meio da história da Menina Bonita do Laço de Fita³ foi possível apresentar às crianças um outro tipo de beleza, a negra. Após a narração da história, pedi a elas que a ilustrassem, tendo como material, papel ofício e giz de cera. No encontro seguinte, havia programado a exibição de um livro animado: “Bruna e a Galinha de Angola”, mas, o vídeo estava indisponível para uso naquela manhã (mesmo tendo avisado com uma semana de antecedência). Como já tinha levado tinta guache, e também já estava próximo do horário da turma descer para brincar na quadra, decidi junto com as professoras da turma, que faríamos, então, a atividade na quadra. Perguntei às crianças se elas lembravam da história relatada na semana anterior e, elas disseram que sim. Logo, perguntei se alguém também lembrava de como era a menina bonita do laço de fita e as crianças diziam: “Ela é preta”; “Tinha um coelhinho branco”. Porém, teve um menino (4 anos, negro) que disse: “Ela é loira” e eu o interroguei: “Tem certeza?” e, então, ele balançou com a cabeça afirmando que sim, mas, ele sabia que a menina era negra, pois ele ouvira a história, mas, mesmo assim queria desenhá-la como loira. Então, disse para fazer o desenho da história e, assim todos fizeram. Como a atividade era com tinta guache, as crianças estavam extremamente empolgadas em estar manuseando a tinta que não se prenderam à história.

Para tanto, a turma foi dividida em dois grandes grupos e cada grupo desenhou e pintou com guache, em um papel quarenta quilos branco. A atividade foi tão interessante para as crianças que elas não queriam parar de pintar, pois, elas dificilmente utilizam tinta guache em suas atividades.

³ MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Rio de Janeiro: Ática, 1986.



. Atividade 2

Em um outro encontro, (reuni duas turmas, ambas do maternal – crianças de 3 a 4 anos) as crianças assistiram ao vídeo de livros animados: “O menino Nito⁴”. Como um dos objetivos deste trabalho é construir uma identidade positiva, principalmente das crianças negras, este vídeo pode contribuir para isso, à medida que traz a história de um menino que aprende a importância do ato de chorar, mas, que não se deve chorar sem ter motivos. Não foi possível ao final da exibição do vídeo fazer alguma atividade, pois, perdemos muito tempo até conseguirmos assistir ao vídeo, devido a problemas técnicos. No entanto, as crianças depois disseram o que haviam compreendido: “O menino chorava muito”; “A mãe dele e o pai ficaram tristes”.

Diversas outras atividades foram realizadas com a turma em questão, dentre elas, destaca-se um conto africano⁵ que possibilitou às crianças conhecer um pouco da cultura africana através das diferenças e semelhanças com a cultura brasileira. Para tanto, foi relatada a história do gato e do rato por meio do olhar africano. Pelo olhar africano, as crianças aprendem saberes necessários à vida, tais como: amizade, confiança e traição. Além disso, a

⁴ Disponível em: <www.acordacultura.org.br>

⁵ BARBOSA, Rogério Andrade. **Contos africanos para crianças brasileiras**. São Paulo: Paulinas, 2004.

palavra registra toda tradição africana e seus valores, possibilitando a elas conhecer mais sobre a cultura africana, por meio da palavra que expressa, dentre outros saberes, costumes, hábitos, conhecimento e história. Para Bâ (1973):

[...] a palavra falada, além de seu valor moral fundamental, possui um caráter sagrado que se associa a sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Sendo agente mágico por excelência e grande vetor de “forças etéricas”, não pode ser usada levianamente. (p.17)

Além disso, as crianças manifestaram suas opiniões acerca da história, tais como: “O gato brigou com o rato”; “O rato fugiu com medo do gato”; “O rato é guloso”. Depois fizeram um desenho com a parte que mais gostaram.

. Atividade 3

Uma outra atividade refere-se à contação da história adaptada do menino marrom⁶ que permitiu às crianças conhecer um protagonista diferente dos já conhecidos (príncipes e princesas brancos e loiros), pois trata-se de um menino negro com características comuns à elas. Ademais, esta história retratou uma criança negra de forma a enaltecer suas qualidades, tais como: um menino muito bonito, curioso, inteligente que inventava muitas brincadeiras, com isso, contribuindo para uma imagem positiva do negro, conseqüentemente, favorecendo a auto-estima das crianças negras.

Ao mostrar a capa do livro um menino (4 anos, negro) disse: “Tia ele parece eu”, deixando transparecer grande alegria, pois, tanto contentamento devia-se ao fato dele ter se identificado no livro de forma positiva. Após apresentar o menino marrom, anunciei que este tinha um grande amigo que era seu melhor amigo, então perguntei: “Alguém imagina qual é a cor do amigo do menino marrom? A resposta foi unânime: “Ele é branco”, quando mostrei a foto alguns disseram “Não falei”; “Acertei” e uma menina falou: “Ele é rosa”. Em seguida afirmei: “O melhor amigo do menino marrom é o menino cor-de-rosa”. Esta história foi a preferida da turma (chamando a atenção das monitoras que ficaram contentes com a grande participação de todos). Em seguida, desenharam o menino marrom. A turma gostou tanto que a maioria das crianças fez mais de um desenho.

Na semana seguinte, fizemos outra atividade ainda relacionada à história do menino marrom, na qual, um menino da turma deitou sobre um papel quarenta quilos para que fizéssemos o contorno de seu corpo (com uma caneta pilot preta). Depois, com papel crepom

⁶ ZIRALDO, Alves Pinto. **O menino marrom**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

marrom, as crianças fizeram bolinhas e colaram no corpo do menino. A roupa dele foi feita com pano TNT com a ajuda da monitoras. Esta atividade propiciou um momento diferente às crianças, pois elas não costumam realizar atividades que não sejam desenhos.



. Atividade 4

Uma terceira história, a do Reizinho Congolês⁷, trouxe às crianças um pouco dos costumes e hábitos de um país do continente africano, além de alguns valores como união, solidariedade, compartilhamento dos alimentos e amor ao próximo.

⁷ MICHESKI, Izildinha Houch. **O Reizinho Congolês**. Revista Projetos Escolares: Educação Infantil. Ano 4. n. 42, p.19. São Paulo: On Line, 2008.

A imagem do reizinho novamente despertou atenção do mesmo menino que repetiu: “Tia ele parece eu”, mas dessa vez, outras crianças também disseram o mesmo.

A turma foi dividida em dois grandes grupos que utilizando o papel quarenta quilos desenharam a história do Reizinho. O objetivo desta atividade, além de mostrar um pouco dos valores da população de Congo, foi de saber compartilhar um mesmo papel para todos, isto devido à turma ter “dificuldades”, próprias da idade, em dividir os materiais - brinquedos e qualquer objeto - entre eles.



Concluo que todas as atividades realizadas nos contextos acima, possibilitaram momentos em que a turma pode, por meio da literatura, conhecer um pouco da África, seus hábitos e valores, além de promover a valorização do personagem negro nas histórias como sendo o protagonista. Atividades como estas são fundamentais para propiciar às crianças momentos de aprendizagem de outras culturas além de contribuir para a construção de sua identidade e auto-estima.

Mais poderia ter sido feito em prol da construção de uma identidade positiva das crianças negras dessa creche se as monitoras vissem a importância de trabalhar com a questão racial, a partir, da premissa de que não existe cultura superior e que a cultura africana e a do negro são diferentes das dos brancos, mas, não são inferiores e que na cultura brasileira estão

presentes tanto a cultura de um quanto de outro. Portanto, mais um motivo para que a creche trabalhe bem a diversidade cultural e racial sem reforçar estereótipos negativos acerca de nenhuma cultura. Infelizmente não foi o que percebi, conforme os relatos a seguir.

. O posicionamento das monitoras frente à questão racial

As entrevistas que seguem, foram feitas da seguinte forma: eu lia uma questão e a monitora respondia e, assim, prosseguimos até a última pergunta. O parquinho foi o local onde elas ocorreram. Enquanto, uma monitora respondia ao questionário a outra ficava observando as crianças brincando no parque. As entrevistas tiveram duração de aproximadamente três minutos e foram gravadas com a autorização das entrevistadas, logo, serão reproduzidas na íntegra.

Monitora 1 (parda; estatura média; cabelos encaracolados):

1. Qual a sua idade?

24 anos.

2. Qual a sua formação?

Curso Normal.

3. Há quanto tempo trabalha com Educação?

3 anos.

4. Você sempre trabalhou dando aula para Educação Infantil?

Sempre.

5. Você acha que existe preconceito racial nas escolas de Educação Infantil? Por quê?

Existe. Tanto das crianças. Acho que não vem muito das crianças vem mais dos responsáveis que acham porque é negro ou mais pobre, não pode brincar por medo de alguma coisa contagiosa.

6. O que você entende por preconceito racial?

Acho que preconceito racial não é só a cor da pele, mas a classe social também isso implica... é valores né? É pele, cor da pele seja loira, seja moreno, seja negro quanto você recebe, aonde você mora, tudo isso, é um preconceito.

7. Na sua escola há ou já houve algum trabalho tendo como tema a questão racial?

Não.

8. Na sua formação você aprendeu como trabalhar a questão racial na sala de aula?

Muito pouco.

9. Você já sofreu algum tipo de preconceito?

Não porque eu não ligo muito pra isso. Eu “num... num” levo isso em conta não. Acho que o que vale mais é o caráter da pessoa, a capacidade de fazer...

10. Você já vivenciou alguma situação de preconceito racial? Qual? E onde?

Se eu já vivenciei? “Num” lembro.

11. No âmbito da escola, como você encara as expressões de preconceito?

Como eu encaro? Eu trabalho um pouco mais, né? Desenvolvo um trabalho pra eles terem o conhecimento que todos nós somos iguais independente da cor da pele, da onde a gente mora, qual é a classe social. Eu tento desenvolver um trabalho em grupo pra “eles poder” ter essa noção que não existe diferença.

12. Você possui dificuldade para trabalhar a questão racial na sala de aula?

Não. Porque eles são pequenininhos, então eles aceitam bem, né. E se fossem maiores eles poderiam até recusar, mas como são pequenininhos não.

A partir do posicionamento da monitora, podemos observar que ela acredita na existência do preconceito racial na Educação Infantil e que este para ela é oriundo dos responsáveis pela criança. Ademais, ela faz referências ao preconceito social (o que é muito comum quando as questões raciais são mencionadas) como sendo também um obstáculo a ser vencido. Já que não há nenhum trabalho voltado para a valorização das culturas negras, então, porque ela mesma não buscou trabalhar mais as diferenças culturais, pois deixar essas idéias apenas no campo do pensamento não irá ajudar a diminuir o preconceito. Como afirma Silveira (2001): [...] *os primeiros anos são, sem dúvida, os mais importantes no que se refere à construção de uma personalidade e da estruturação de um caráter.* (p.63) Partindo dessa premissa, o professor tem responsabilidades para com a formação da criança e precisa ter uma postura que fique explícita para ela o quão é importante valorizar as diferenças.

Monitora 2 (negra; estatura baixa; cabelo encaracolado):

1. Qual a sua idade?

37 anos.

2. Qual a sua formação?

Curso Superior. Pedagogia.

3. Há quanto tempo trabalha com Educação?

Ih! 15 anos.

4. Você sempre trabalhou dando aula para Educação Infantil?

Não. Quase sempre.

5. Você acha que existe preconceito racial nas escolas de Educação Infantil? Por quê?

Ainda não enfrentei esse preconceito racial não. Se existe? Existe. Não na faixa etária de criancinhas assim de 5 anos que a gente trabalha, não. Ainda não vi, não.

6. O que você entende por preconceito racial?

Preconceito racial. O que a gente vê notavelmente é o preconceito de cor.

7. Qual a sua atitude diante do preconceito racial?

Minha atitude diante do preconceito racial com o trabalho que eu faço com Educação Infantil, é trabalhar, né, mediante as historinhas, né? Trabalhos em grupo, em rodinhas, esse é o trabalho que a gente desenvolve, né.

8. Na sua escola há ou já houve algum trabalho tendo como tema a questão racial?

Na escola? Não.

9. Na sua formação você aprendeu como trabalhar a questão racial na sala de aula?

Aprendi.

10. Você já sofreu algum tipo de preconceito?

Já. Ah! Tem vários preconceitos que a gente sofre. Já sofri em locais de venda e vários outros. (constrangida)

11. Você já vivenciou alguma situação de preconceito racial? Qual? E onde?

Se eu já vivenciei. Já vivenciei sim. Mas agora nesse momento não me recordo assim esclarecedor pro momento.

12. No âmbito da escola, como você encara as expressões de preconceito?

No âmbito da escola... As expressões? Ta falando de que forma? Com as crianças? Ah! De modo geral. [Silêncio por alguns segundos.] Não de uma forma normal, né. Porque o preconceito ele já tá numa fase que não deveria nem ser mais preconceito, na verdade. Porque é uma coisa muito antiga e que nós já temos discernimento pra ver que o preconceito já deveria ter sido abolido, mas muitas pessoas ainda passam por esse preconceito.

13. Você possui dificuldade para trabalhar a questão racial na sala de aula?

Se eu tenho dificuldade? Nenhuma.

Através da fala da monitora, vê-se que ela nega a existência do preconceito racial na Educação Infantil e fecha os olhos para o racismo. Sente grande incômodo com a questão, mas procura não deixar transparecer, no entanto, qualquer fala ou situação que remeta ao tema, o evita e quando fala algo são respostas e ou comentários sucintos que reforçam sua postura frente à questão racial, a de constrangimento, incômodo, negação e ao mesmo tempo, silêncio, tentando assim disfarçar sua negritude. Isto se comprova quando ela diz que já vivenciou formas de preconceito e ao perguntá-la quais, ela ficou muda e ao mesmo tempo sem jeito, então, disse a ela que não precisava falar a não ser que quisesse. Ademais, ela afirma não ter dificuldade para trabalhar com a temática, no entanto, como ela pode tê-la se em nenhum momento ela lida de forma pedagógica com a problemática racial, apenas a ignora. Para Loureiro (2004), uma pessoa negra silencia e nega o preconceito racial porque:

[...] quando um grupo minoritário está inserido em um sistema de dominação e exploração, a história do grupo é deturpada, os homens e mulheres que fizeram movimentos importantes para o grupo são omitidos e, quando isso não é possível, são cruelmente transformados em “maus elementos”, “em vilões”; sua cultura é desvalorizada e folclorizada, o que dificulta muito a superação da imagem negativa que se cria para esses grupos nesses abomináveis processos de dominação e exploração de um grupo sobre outro. (p.54)

É preciso antes de tudo que a própria professora tenha uma boa auto-estima e uma identidade positiva, caso contrário, ela continuará a negar o preconceito racial, por vergonha, a sua cultura e sua identidade. Além disso, não poderá ajudar nenhuma criança a construir uma identidade positiva e, se houver alguma criança negra vivenciando formas de preconceito racial, esta não terá nenhum amparo, pois o silêncio da professora reforçará as situações de discriminação para com o negro.

Os relatos das monitoras me fizeram refletir sobre quatro fases pelas quais algumas pessoas negras passam e que são apontadas por Ferreira (2004): a primeira, estágio de submissão seria a idealização do mundo branco como escudo, na qual, a pessoa negra não se valoriza e enxerga a cultura do branco como sendo melhor que a sua. Esta situação fica explícita a partir do relato da monitora negra que inconscientemente vê-se errada e nega as culturas negras e africanas. Segundo Pereira (1987) citado por Ferreira (2004), *a escola é fundamental na construção da identidade da criança afro-descendente, porém, alimenta subliminarmente a figura do “negro caricatural”* (p.71)

Na creche em questão, as diferenças raciais são negadas e, ao mesmo tempo, reforçadas não apenas pelo silêncio da instituição para com a problemática racial, mas, principalmente por esta estimular a cultura branca, uma vez que, em seu cotidiano estão presentes apenas os

ideais da brancura (histórias infantis com príncipes e princesas brancas, loiros de olhos azuis, murais somente com figuras de pessoas brancas). Dessa forma, as culturas negras são deixadas de lado e, todas as crianças absorvem a cultura branca e não conhecem elementos que caracterizam outras culturas.

Faz-se necessário criar, dentro da creche, políticas que visem valorizar a auto-estima do profissional de educação, principalmente do profissional negro (que é maioria na creche) de forma que com o decorrer do tempo, muitos, inclusive a monitora negra, possam sair desta fase de achar-se inferior à pessoa branca e sua cultura e terem também como referencial a população e a cultura negra. Para tanto, a creche precisa reconhecer as diferenças raciais, sem que uma se sobreponha à outra.

Na segunda fase, no estágio de impacto, há a descoberta do grupo etno-racial de referência. A pessoa toma consciência de sua situação e, a partir, daí pode mudá-la ou ficar estagnada. Para Ferreira (2004), *o estágio de impacto passa a desenvolver-se no indivíduo a partir do momento da tomada de consciência da discriminação, sofrida ao longo da vida, exercida pelo grupo de hegemonia branca.* (p.77) Obviamente, não há um momento exato em que ocorre a tomada de consciência, mas, sim ao longo da vida após muitas experiências vividas. No entanto, para que de fato haja mudança no comportamento do indivíduo é preciso que ele tome atitudes frente à questão racial e, não apenas, reconheça a discriminação.

A terceira fase seria o estágio de militância em que haveria a construção de uma identidade afrocentrada e corresponde segundo Ferreira (2004):

a um processo de intensa metamorfose pessoal, em que ele vai, gradualmente, demolindo velhas perspectivas e, ao mesmo tempo, passa a desenvolver uma nova estrutura pessoal referenciada em valores etno-raciais de matrizes africanas. (p.79)

Nesta fase, o indivíduo começa a ver o branco e seu mundo como culpados de sua situação e passa a considerar as culturas negras e africanas como sendo superiores as dos brancos. Além disso, ocorre também, a supervalorização dos ideais negros, pela qual, o negro cai no equívoco de se considerar superior, quando na verdade, não existe superioridade de raças, pois todos negros e não-negros fazem parte de uma mesma raça, a raça humana, por isso, o ideal seria que não houvesse essa aversão ao grupo branco e sim, respeito às diferenças tanto dos negros para com os brancos como destes para com os negros. Logo, o negro valorizaria a sua cultura e a si mesmo sem precisar menosprezar outros grupos. O que há de positivo nesta fase é o fato do indivíduo resgatar os valores de sua história e cultura, de forma a melhorar sua auto-estima possibilitando a construção de uma identidade positiva.

Por outro lado, na última fase, haveria o estágio de articulação que seria a abertura para a alteridade. Trata-se de *uma perspectiva afrocentrada não estereotipada, com atitudes voltadas para a valorização das qualidades referentes à negritude mais expansivas, mais abertas e menos defensivas.* (FERREIRA, 2004, p.83) Nesta fase, as matrizes africanas são efetivamente afirmadas, mas, diferentemente do estágio anterior, o indivíduo passa a lutar de forma consciente pela integridade física e psicológica do seu grupo, assim, não mais encarando o preconceito de forma isolada. Este estágio também é muito importante para a manutenção de políticas que visem a não discriminação do negro e sua cultura, pois, o afro-descendente neste momento, possui auto-estima e uma identidade positiva.

Essas quatro fases não aconteceriam separadamente, mas, de forma contínua, pois, trata-se de um processo de conscientização das diferenças raciais, ou seja, pode-se estar numa fase, porém, perspectivas de uma outra fase já estariam presentes na pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, pude obter dados para caracterizar o cotidiano escolar de uma turma de Educação Infantil e, em relação às práticas educativas no que se refere à questão racial, como sendo um espaço que promove o desenvolvimento físico e intelectual da criança. Este último de forma pouco crítica, pois, não incentiva o pensamento da criança e nem a fala da mesma, porém, não há nenhum trabalho acerca da questão racial e conhecimento das culturas africanas e das culturas dos negros brasileiros, inclusive por parte das monitoras.

É muito comum o discurso do profissional da educação, principalmente o professor, dizer que valoriza as diferenças, no entanto, muitos são os que sentem grande incômodo com a problemática racial. Logo, não vem sendo feito em muitas escolas, um trabalho que vise valorizar as diferentes culturas e o que ocorre, na maioria das vezes, é a negação destas por meio do silêncio.

Com o que fora dito acima, vejo que a creche infringe o que consta no Estatuto da Criança e do Adolescente (1995) no *Art. 58: no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantido-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura.* (p.29)

Ademais, o professor como indivíduo, está sujeito a absorver os preconceitos sociais, mas como profissional da educação precisa estar atento e consciente do seu papel de agente transformador. A escola deve valorizar o negro e sua cultura, pois, ela é o ponto de encontro e de embate das diferenças étnicas e raciais, podendo ser instrumento eficaz para diminuir e prevenir o processo de exclusão social e incorporação do preconceito pelas crianças negras.

Fica cada vez mais explícito para mim que as questões raciais na Educação Infantil ainda são ignoradas, causando muitas vezes uma situação incômoda para com os profissionais da Educação, pois, muitos não valorizam as diferenças em sala de aula e diz que fazem trabalhos nesta temática (mesmo não fazendo) ou simplesmente negam a existência do preconceito racial no âmbito escolar. Dessa forma, a escola corrobora para a permanência do preconceito racial, através da falsa idéia de igualdade. Por isso, acredito ser necessário que todo o corpo docente se empenhe em conhecer mais sobre o tema e que se sensibilize a ponto de querer transformar o cotidiano da educação Infantil em um local onde se tem uma educação de respeito às diferenças.

Educar também é acolher com amor e dedicação os alunos e este acolhimento dever ser dado também às crianças negras de forma igualitária. Ademais, o Educador Infantil não deve ser conivente com nenhuma atitude discriminatória em relação às crianças negras, ele deve discutir a questão racial e impor respeito à identidade e à cultura das mesmas. Para que haja mudança no cotidiano escolar em relação aos preconceitos é preciso que todos desde educadores, alunos e até os pais repensem a questão racial de forma crítica, visando sempre uma educação igualitária para alunos negros e brancos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Valéria de Oliveira. **O leitor: concepção de infância**. Disponível em <<http://www.sitedeliteratura.com/Infantil/leitor.htm>> Acesso em 10/01/2008.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. 4.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- BÂ, Amadou Hampaté. A palavra, memória viva da África. **Revista O Correio da Unesco**. Ano 1. N.1. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, jan. 1973.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro, 2004.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Rotinas na Educação Infantil**. São Paulo: Artmed, 2006.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Federal nº 8069 de 13/07/1990**. Editado pela Universidade Popular da Baixada, 1995.
- BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil**. Brasília: 2006. Volumes I e II. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 28/12/2007.
- CARDOSO, Mariete. **Creche: um guia para a compreensão de sua dinâmica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Educação Anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor**. In: Racismo e anti-racismo na educação. Repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- HALL, Stuart. **As diásporas: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, Sons, Cores e Aromas. A Construção do Espaço na Educação Infantil. In: **A organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre, ARTMED, 2004.
- LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Identidade étnica em re-construção**. Belo Horizonte: O Lutador editora, 2004.
- OLIVEIRA, Fabiana de. **Relações Raciais na Creche**. Revista Negro e Educação 3, São Paulo, v. 3, p. 29-39, 2006.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes et al. **Creches: Crianças, Faz de Conta & Cia.** 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações.** São Paulo: Cortez, 2003.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Brasília: MEC/SEF, 1998.

SILVEIRA, Maria aparecida da. **As contribuições da Psicanálise para a Educação Infantil.** In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. *A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil: um retrato multifacetado.* Canoas, RS: ULBRA, 2001.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matricula: Daniela Xavier Cenciani
TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Relações entre o cotidiano escolar da educação infantil e a problemática racial brasileira
ORIENTADOR(A): Maria Elena Viana Souza

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Sandra Albernez de Medeiros
Nota: 7,0

Considerações:

Considero o presente trabalho apresentando os seguintes aspectos: 1. há um importante investimento da aluna na pesquisa de campo - sua sua disposição de intervenção mostrou-se verdadeiro; 2. num futuro trabalho seria necessário: a - definir os termos que usa, como por exemplo "identidade" ou "identidade negra", "cultura africana" ou "tradição africana". b - realizar uma discussão teórica mais consistente usando um referencial teórico mais claro. Sendo assim, diante do esforço para a realização deste trabalho monográfico, penso que a aluna Daniela apresentou condições para ser aprovada.

DATA: 14.07.2009

Assinatura: Sandra Medeiros

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: María Elvira Nogueira Siqueira

Nota: 9,0

Considerações:

O trabalho monográfico da aluna Daniela é resultado de uma pesquisa que realizou durante o ano de 2007 e início de 2008. Durante todo o processo, a aluna relaciona-se muito comprometida com sua investigação e com as leituras que lhe eram sugeridas. Trata-se portanto, de um trabalho realizado com aprofundamento teórico-metodológico consistente e coerente com o que a aluna se propôs a fazer.

Data: 11/07/2009

Assinatura: María Elvira Nogueira Siqueira

RESULTADO FINAL		
Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
7,0	9,0	8,0

Rio de Janeiro, 14 de julho de 2009.

María Elvira Nogueira Siqueira

Prof. Orientador